

Ainda empaquetados? Corpo, memória e persistência estética no Brasil pós-televisivo

Still “Paquita-ized”? Body, Memory and Aesthetic Persistence in Post-Television Brazil

¿Aún paquitizados? Cuerpo, memoria y persistencia estética en el Brasil post-televisivo



Mario Abel Bressan Júnior¹

Jamile Rosa Ladislau²

Resumo: Este artigo analisa a permanência de referenciais estéticos televisivos das décadas de 1980 e 1990 no Brasil contemporâneo, a partir da questão: “Ainda estamos empaquetados?”. O problema central consiste em compreender como esses padrões persistem em um contexto que reivindica diversidade corporal. Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico-analítico, fundamentado em revisão bibliográfica nos campos da memória coletiva, memória cultural, cultura visual e estudos de gênero. Como contribuição, propõe-se o conceito de empaquetamento afetivo como regime de memória corporal, evidenciando que determinados padrões estéticos permanecem como matrizes

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)- Tubarão- Santa Catarina-Brasil.

² Centro Universitário Univinte (UNIVINTE) -Capivari de Baixo- Santa Catarina- Brasil.

implícitas de reconhecimento, mesmo diante da ampliação discursiva da diversidade na cultura digital.

Palavras-chave: empaquitamento afetivo; memória corporal; cultura televisiva brasileira; padrões estéticos; anos 1980 e 1990.

Resumen: Este artículo analiza la permanencia de referentes estéticos televisivos de las décadas de 1980 y 1990 en el Brasil contemporáneo, a partir de la pregunta: “¿Seguimos paquitizados?”. El problema central consiste en comprender cómo estos patrones persisten en un contexto que reivindica la diversidad corporal. Metodológicamente, se trata de un ensayo teórico-analítico, fundamentado en revisión bibliográfica en los campos de la memoria colectiva, la memoria cultural, la cultura visual y los estudios de género. Como contribución, se propone el concepto de empaquitamento afectivo como régimen de memoria corporal, evidenciando que determinados patrones estéticos permanecen como matrices implícitas de reconocimiento, incluso ante la ampliación discursiva de la diversidad en la cultura digital contemporánea.

Palabras clave: empaquitamento afetivo; memoria corporal; cultura televisiva brasileña; patrones estéticos; visualidad mediática; años 1980 y 1990.

Abstract: This article analyzes the persistence of televised aesthetic references from the 1980s and 1990s in contemporary Brazil, based on the question: “Are we still Paquitized?”. The central problem is to understand how these patterns persist in a context that promotes body diversity. Methodologically, this is a theoretical-analytical essay grounded in a bibliographic review within the fields of collective memory, cultural memory, visual culture, and gender studies. As a contribution, the article proposes the concept of affective empaquitamento as a regime of bodily memory, showing that certain aesthetic patterns remain as implicit matrices of recognition, even amid the discursive expansion of diversity in contemporary digital culture.

Keywords: affective empaquitamento; bodily memory; Brazilian television culture; aesthetic standards; media visibility; 1980s and 1990s.

Introdução

Em 2024, o lançamento do documentário *Pra Sempre Paquitas*, exibido em plataforma de streaming nacional, recolocou no debate público brasileiro uma memória televisiva associada às décadas de 1980 e 1990. A repercussão midiática e a mobilização nas redes sociais evidenciaram que a imagem das Paquitas, assistentes de palco dos programas de Xuxa Meneghel, permanece como referência cultural compartilhada entre gerações. Mais do que nostalgia, esse movimento indica a permanência de um arquivo simbólico ainda capaz de produzir reconhecimento no presente, especialmente diante da circulação de trechos do documentário em plataformas digitais e redes sociais, que reativaram debates sobre padrões estéticos e experiências vividas pelas ex-participantes.

As Paquitas constituíram, naquele período, uma forma específica de visualidade feminina televisiva. A recorrência de determinadas características corporais, magreza, juventude, pele clara, cabelos predominantemente loiros e longos, consolidou um modelo estético na cultura midiática brasileira. Esse modelo não operou apenas como representação circunstancial, mas como pedagogia visual reiterada em programas de grande audiência, articulando entretenimento, consumo e idealização do corpo feminino.

Estudos sobre memória coletiva (Halbwachs, 2006; Pollak, 1992) demonstram que as lembranças são socialmente estruturadas e sustentadas por grupos de pertencimento. A memória cultural, conforme desenvolvido por Assmann (2011) e Huyssen (2000), refere-se a formas de armazenamento simbólico que ultrapassam a experiência individual e se atualizam em contextos históricos distintos. Quando determinados regimes de imagem se tornam recorrentes em meios de comunicação de massa, tendem a sedimentar-se como referências normativas, integrando o horizonte simbólico compartilhado de uma coletividade.

No campo dos estudos de gênero e da cultura visual, autoras como Wolf (2018), Rossi (2017) e Neckel (2021) evidenciam o papel da mídia na produção e manutenção de padrões corporais que orientam subjetividades. Esses debates encontram

ressonância nas reflexões de Neckel (2021), para quem “corpo e imagem [...] não [podem ser pensados] na transparência, mas na opacidade e na equivocidade que lhes são constitutivas” (Neckel, 2021, p. 1). Tal perspectiva reforça a compreensão do corpo feminino como superfície simbólica atravessada por expectativas sociais, mostrando que a internalização de padrões estéticos não opera apenas por imposição normativa explícita, mas por processos de identificação, reconhecimento e sedimentação afetiva, especialmente quando vinculados a experiências formativas como a infância e a adolescência.

Embora o cenário contemporâneo seja marcado por discursos de valorização da diversidade, visíveis em campanhas publicitárias, debates públicos e políticas de representatividade, persistem eixos centrais de reconhecimento corporal que remetem a referenciais historicamente consolidados. Essa permanência não se manifesta de modo literal, mas como atualização de uma memória estética que continua a organizar imaginários de legitimidade corporal. A reemergência pública das Paquitas em 2024, impulsionada pelo documentário que revelou relatos de controle corporal, pressão estética e idealização midiática, tensionou esse imaginário ao expor a distância entre a visualidade celebrada nos anos 1980 e 1990 e a experiência concreta das mulheres que a corporificaram. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que desmonta a idealização original, essa revisitação evidencia o quanto aquele modelo pode estar ainda inscrito na memória afetiva coletiva, operando como referência simbólica de beleza e reconhecimento.

É nesse contexto que se insere a problemática deste artigo: como compreender a reatualização de um padrão estético televisivo das décadas de 1980 e 1990 em um ambiente que reivindica pluralidade e inclusão corporal? Em que medida a imagem das Paquitas, articulada a outras figuras midiáticas femininas alinhadas ao mesmo padrão estético hegemônico (loiro, magro, juvenil, branco), permanece como referência afetivamente incorporada, mesmo quando não é explicitamente reconhecida como modelo normativo?

Parte-se da hipótese de que o padrão estético associado às Paquitas, bem como a outras figuras midiáticas femininas que expressaram esse ideal hegemônico, não se mantém apenas como memória visual histórica, mas como memória corporal afetiva sedimentada.

Propõe-se, para fins analíticos, o conceito de “empaquitamento” afetivo como regime de memória corporal, entendido como a incorporação emocional coletiva de um modelo estético midiático que continua estruturando percepções de beleza e reconhecimento. O termo “empaquitamento” é aqui empregado para designar um processo de incorporação afetiva de um modelo estético televisivo, tomando as Paquitas como referência cultural que excede sua materialidade histórica. Trata-se de um neologismo que opera como analogia teórica para indicar a permanência de um regime de visualidade que, embora datado, continua a estruturar expectativas implícitas de reconhecimento corporal.

A formulação desse conceito responde à necessidade de deslocar a análise da permanência estética do plano exclusivamente representacional para a dimensão da incorporação afetiva. A noção de memória coletiva é fundamental para compreender a circulação social de imagens, mas não esgota os mecanismos pelos quais determinados padrões se tornam referências emocionais duráveis.

Ao propor o empaquitamento afetivo como categoria interpretativa, busca-se evidenciar que certos padrões continuam a operar porque foram incorporados como imagens positivas de sucesso, pertencimento e visibilidade. Essa perspectiva permite compreender por que, mesmo diante de transformações discursivas, determinados eixos de reconhecimento corporal mantêm centralidade simbólica. O interesse em revisitar esse fenômeno no presente reside na necessidade de compreender como memórias afetivas coletivas participam da organização dos imaginários de beleza e influenciam a delimitação do que é socialmente percebido como corpo legítimo.

O objetivo geral deste artigo é analisar os modos pelos quais visualidades femininas televisivas dos anos 1980 e 1990, tendo as Paquitas como referência central, estruturam uma memória corporal afetiva que perdura além de seu momento histórico. Especificamente, busca-se: (a) articular os conceitos de memória coletiva e memória cultural à formação de padrões estéticos midiáticos; (b) examinar o papel da televisão dos anos 1980 e 1990 como instância formadora de referenciais corporais; e (c) desenvolver o conceito de empaquitamento afetivo como ferramenta analítica para interpretar a tensão entre diversidade discursiva contemporânea e permanência simbólica de determinados modelos de beleza.

Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico-analítico de natureza qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica nas áreas de memória coletiva, memória cultural, estudos de gênero, cultura visual e comunicação. A seleção das referências considerou autores clássicos e contemporâneos nos campos da memória, cultura visual e estudos de gênero, priorizando obras que discutem a relação entre mídia, corpo e processos de subjetivação.

A reflexão articula literatura especializada e a recente reativação midiática da imagem das Paquitas como fenômeno cultural indicativo de continuidade simbólica. Não se propõe estudo empírico, mas a elaboração de um quadro conceitual que contribua para o debate sobre memória, corpo e visualidade.

A lacuna que orienta este trabalho reside na ainda limitada problematização da dimensão afetiva na consolidação de padrões estéticos midiáticos no contexto brasileiro. Embora existam investigações consistentes sobre memória e sobre o mito da beleza, permanece pouco explorada a articulação entre memória cultural, afeto e incorporação corporal de regimes imagéticos específicos. Ao desenvolver o conceito de empaquetamento afetivo, o artigo busca oferecer uma chave interpretativa para compreender como determinados modelos de beleza atravessam gerações não apenas como imagens históricas, mas como referências emocionais estruturantes da experiência social.

2. Memória coletiva e formação de referenciais simbólicos

A noção de memória coletiva, formulada por Maurice Halbwachs (2006), parte do princípio de que recordar não é um ato isolado, mas uma prática socialmente estruturada. Ainda que acionada individualmente, a lembrança só se torna possível porque o sujeito está inserido em grupos que oferecem quadros de referência para interpretar o passado. A memória, nesse sentido, não constitui mera recuperação de fatos, mas reconstrução orientada por pertencimentos e por esquemas compartilhados de significação.

Halbwachs (2006) sustenta que as experiências são organizadas a partir de molduras sociais que orientam a forma como os acontecimentos são compreendidos e reatualizados. Mesmo quando um indivíduo parece recordar sozinho, suas lembranças

estão atravessadas por valores, discursos e referências coletivas que lhe conferem inteligibilidade. A evocação do passado depende, portanto, de uma inserção social que fornece critérios de reconhecimento e ordenação da experiência.

Essa perspectiva é aprofundada por Michael Pollak (1992), ao enfatizar que a memória não se limita a vivências diretamente experimentadas. Eventos narrados, imagens difundidas e personagens socialmente relevantes podem integrar o repertório memorial de um grupo, mesmo quando não vivenciados pessoalmente. Trata-se do que o autor denomina acontecimentos “vividos por tabela”: experiências incorporadas por meio da circulação simbólica e da partilha social. Dessa forma, a memória coletiva articula lembranças diretas, relatos herdados e representações amplamente disseminadas, contribuindo para a constituição de identidades individuais e coletivas.

Pollak também ressalta que a memória sofre reacomodações conforme as demandas do presente. A recordação não é estática, mas continuamente reorganizada a partir das circunstâncias históricas e das preocupações contemporâneas. Esse caráter dinâmico, entretanto, não implica completa instabilidade. Certos elementos adquirem relativa permanência ao se integrarem aos processos de subjetivação e ao sentimento de continuidade identitária. A memória, assim, opera simultaneamente como reconstrução e como ancoragem.

No âmbito da cultura midiática, esse processo assume contornos específicos. A circulação reiterada de determinadas imagens tende a consolidar referências partilhadas que passam a compor o horizonte simbólico de uma coletividade. Quando associadas a experiências formativas, como a infância e a adolescência, essas imagens podem adquirir forte densidade emocional, articulando reconhecimento, pertencimento e identificação. Nesse ponto, a memória coletiva ultrapassa o registro factual e aproxima-se da constituição de imaginários sociais.

O imaginário, longe de ser uma mera abstração, constitui-se como a "matéria-prima do espírito" e a própria experiência de vida expressa em sistemas de representação e práticas simbólicas (Moraes, 2017). Enquanto seres simbólicos, os indivíduos utilizam o imaginário para forjar imagens dotadas de potencial criador, capazes de organizar o real e modular a visão de si e as relações com o mundo. Na cultura contemporânea, essa dinâmica é atravessada por uma profusão de tecnologias que remodelam as trocas

simbólicas, transformando a imagem em um objeto de desejo e um vetor de identificação e projeção, especialmente entre o público infantojuvenil (Moraes, 2017).

Assim, o caráter simbólico da vida social manifesta-se em narrativas que criam uma aura coletiva, onde o estético atua como o cimento social que fundamenta o estar-junto e o sentimento de pertencimento a um grupo. Essa estrutura é capaz de expressar a unidade da vida social de forma sensível e manifestar as elaborações simbólicas de grupos — como adolescentes que lidam com situações de vulnerabilidade ou crianças imersas na cultura dos youtubers — cujas narrativas de esperança e angústia configuram a realidade, o pertencimento e os vínculos sociais (Tonin; Moraes, 2025).

Nesse ponto, torna-se necessário avançar conceitualmente. Em estudos anteriores, propusemos a noção de memória teleafetiva para designar a dimensão da memória afetiva estruturada pela mediação televisiva. Trata-se de uma forma específica de incorporação simbólica na qual o dispositivo midiático deixa de ser mero transmissor de conteúdos para tornar-se instância formadora de vínculos emocionais duradouros (Bressan Júnior, 2019). Diferentemente da memória coletiva tradicional, centrada nos grupos sociais de pertencimento, a memória teleafetiva desloca o grupo de referência para o espaço técnico-mediado, reconhecendo a televisão como agente estruturante de experiências afetivas compartilhadas.

A televisão, especialmente no contexto das décadas de 1980 e 1990, não apenas difundiu imagens, mas organizou rotinas, temporalidades e repertórios simbólicos comuns. A repetição de enquadramentos corporais, performances estéticas e narrativas visuais contribuiu para a formação de marcos afetivos que ultrapassam a experiência episódica. Esses marcos, reiterados no cotidiano, sedimentaram-se como referenciais sensíveis que continuam a operar mesmo quando o regime midiático se transforma.

A articulação entre memória coletiva e imaginário permite compreender como certos modelos de representação não apenas circulam historicamente, mas se sedimentam como parâmetros de interpretação do mundo social. A recorrência de imagens, narrativas e personagens nos meios de comunicação contribui para a formação de quadros de referência que orientam percepções de normalidade, legitimidade e valor. Nesse sentido, a memória não se limita a preservar o passado; ela participa ativamente da configuração do presente, delimitando os contornos do que é reconhecido como aceitável ou desejável.

Ao considerar a dimensão corporal, essa dinâmica torna-se ainda mais significativa. O corpo, enquanto superfície de inscrição simbólica, é atravessado por referenciais compartilhados que orientam expectativas sociais. Se a memória coletiva organiza quadros de interpretação, ela também pode estruturar modelos de reconhecimento corporal, especialmente quando tais modelos foram amplamente difundidos por dispositivos midiáticos de grande alcance. Assim, compreender a formação e a permanência de determinados padrões estéticos implica analisar não apenas sua circulação histórica, mas sua incorporação como referência simbólica partilhada.

Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento do argumento central deste artigo. Ao deslocar a discussão para a relação entre memória coletiva, imaginário e corpo, abre-se caminho para examinar como determinados modelos estéticos televisivos podem ter sido incorporados como referenciais afetivos duráveis. Não se trata apenas de identificar a existência de um padrão, mas de compreender os mecanismos sociais que permitem sua sedimentação como memória compartilhada e sua atuação contínua na organização das percepções contemporâneas.

3. Visualidade midiática e consolidação de referenciais corporais nas décadas de 1980 e 1990

A mídia pode ser compreendida como instância pedagógica que disponibiliza modelos de gênero e corporalidade, contribuindo para a formação de referenciais simbólicos compartilhados. Ao reiterar determinadas imagens e enquadramentos, os dispositivos midiáticos participam da organização do imaginário social, estabelecendo critérios de reconhecimento e legitimidade corporal (Fontinele; Costa, 2020). O corpo feminino, nesse contexto, deixa de ser apenas dimensão biológica para constituir-se como superfície simbólica atravessada por normas históricas e expectativas socialmente produzidas.

Nas décadas de 1980 e 1990, a televisão aberta ocupou posição central na cultura brasileira, configurando-se como principal meio de entretenimento de massa. A recorrência de determinadas características corporais em programas de auditório,

publicidade e produções audiovisuais contribuiu para a consolidação de um modelo estético específico, marcado por juventude, magreza e traços associados à branquitude. Tal configuração não se apresentava como alternativa entre outras, mas como referência dominante de feminilidade.

Rossi (2017) observa que a representatividade feminina nos meios audiovisuais priorizou imagens alinhadas a um eixo eurocêntrico, restringindo a visibilidade de corporalidades diversas. Wolf (2018), ao discutir o “mito da beleza”, demonstra que esses ideais funcionam como mecanismos de regulação social, orientando expectativas e moldando percepções sobre o que é considerado desejável. A imposição, nesse caso, não se limita à coerção explícita; ela se opera por meio da naturalização e da internalização de imagens reiteradas como normativas.

Estudos sobre moda e visualidade reforçam essa compreensão. Araujo e Leoratto (2013) evidenciam que as transformações da silhueta feminina nas décadas analisadas estavam vinculadas a contextos históricos específicos, nos quais o corpo assumia papel central como marcador de distinção e valor social. Passos (2019) acrescenta que a centralidade da pele branca nas passarelas e na publicidade consolidou uma lógica excludente, reforçando a associação entre beleza e branquitude e contribuindo para a marginalização de outras corporalidades.

Esse conjunto de práticas imagéticas e discursivas ultrapassou o âmbito da representação circunstancial. Ao serem reiteradas em programas de grande audiência e vinculadas a narrativas de sucesso, alegria e visibilidade, tais imagens foram incorporadas como referências positivas no interior da cultura televisiva. A repetição sistemática favoreceu não apenas sua normalização, mas também sua familiarização, especialmente entre públicos que vivenciaram esses conteúdos em momentos formativos de suas trajetórias.

Quando determinadas imagens passam a integrar experiências compartilhadas de infância e adolescência, deixam de operar apenas como modelos externos e passam a compor o repertório simbólico internalizado de uma geração. Nesse sentido, a televisão das décadas de 1980 e 1990 não apenas difundiu um ideal estético, mas participou da constituição de um horizonte de reconhecimento corporal associado a afetos, pertencimento e identificação.

Essa dimensão formativa é central para compreender a durabilidade desses referenciais. Mais do que vestígios de uma época, tais imagens podem ter sido incorporadas como critérios implícitos de reconhecimento, influenciando percepções posteriores sobre legitimidade e valor corporal.

4. Empaquitamento afetivo como regime de memória corporal

A consolidação de referenciais estéticos nas décadas de 1980 e 1990 não pode ser compreendida apenas como fenômeno representacional ou histórico. A recorrência de determinadas imagens na televisão aberta brasileira, associadas a narrativas de entretenimento, pertencimento e sucesso, sugere a constituição de algo mais complexo: a incorporação afetiva de um modelo corporal como referência legitimada. É nesse ponto que se propõe o conceito de empaquitamento afetivo como regime de memória corporal.

A noção de regime, aqui empregada, não se restringe à ideia de imposição normativa explícita, mas refere-se a uma estrutura simbólica que organiza percepções, expectativas e critérios de reconhecimento. Inspirada em debates sobre regimes de visualidade e formas históricas de organização do olhar, essa formulação parte do entendimento de que determinadas imagens, quando reiteradas e socialmente legitimadas, tornam-se matrizes de inteligibilidade corporal. Elas passam a funcionar como referenciais implícitos a partir dos quais outros corpos são avaliados, comparados ou posicionados.

A dimensão afetiva desse processo é central. A televisão das décadas analisadas não apenas exibiu um ideal estético, mas o vinculou a experiências coletivas de lazer, infância e sociabilidade. A memória, conforme argumentam Halbwachs (2006) e Pollak (1992), estrutura-se a partir de quadros sociais que orientam a interpretação do passado. No entanto, quando associada a vivências formativas e a contextos de forte investimento emocional, essa memória ultrapassa o registro cognitivo e passa a integrar o repertório sensível da experiência social.

Aleida Assmann (2011) destaca que a memória cultural opera por meio de dispositivos que asseguram a continuidade simbólica de determinados conteúdos ao longo do tempo. Esses dispositivos não apenas armazenam imagens, mas as reinscrevem em novos contextos históricos. Quando um modelo corporal amplamente difundido se

articula as experiências afetivas compartilhadas, sua permanência não depende exclusivamente de repetição midiática contínua; ela é sustentada pela sedimentação emocional que lhe confere estabilidade simbólica.

Nesse sentido, o empaquetamento afetivo designa o processo pelo qual um modelo estético midiático é incorporado como referência emocional coletiva, tornando-se parte da memória afetiva e corporal compartilhada de uma geração. Trata-se de uma incorporação que não se reduz à imitação consciente ou à adesão deliberada, mas que opera no plano das expectativas implícitas. O corpo ideal deixa de ser apenas imagem externa e converte-se em parâmetro internalizado de reconhecimento e pertencimento.

A literatura sobre cultura visual e disciplinamento do corpo oferece elementos importantes para compreender esse movimento. Foucault (1975) já havia demonstrado como o corpo é produzido por dispositivos de poder que operam por meio da normalização e da vigilância difusa. Contudo, no contexto da cultura midiática contemporânea, o controle não se dá apenas por coerção ou regulação institucional, mas também por meio da adesão afetiva a imagens desejáveis. Wolf (2018) argumenta que o mito da beleza funciona como mecanismo de regulação simbólica que orienta expectativas sociais. O que se acrescenta aqui é a ênfase na dimensão memorial dessa regulação: o ideal não apenas disciplina, ele permanece porque foi afetivamente incorporado.

Estudos indicam que a memória afetiva pode operar como estratégia discursiva de fidelização e engajamento, especialmente quando associada ao retorno de narrativas e universos já consolidados no imaginário coletivo (Bressan Júnior; Camargo; Mattos, 2025). Nesse contexto, o apelo ao passado não se limita à evocação nostálgica, mas integra uma economia simbólica na qual afetos são mobilizados como recurso de permanência cultural.

Essa incorporação relaciona-se àquilo que pode ser compreendido como memória corporal. O corpo não é apenas objeto de normas externas; ele é também depositário de referências aprendidas ao longo da socialização.

O conceito de empaquetamento afetivo permite, assim, deslocar o debate da mera constatação da permanência estética para a análise dos mecanismos que sustentam essa durabilidade. Ele evidencia que a força de certos modelos reside menos em sua reaparição literal e mais em sua condição de matriz simbólica internalizada. Mesmo

quando discursos contemporâneos enfatizam diversidade e pluralidade corporal, determinados eixos de reconhecimento continuam operando como referência central, muitas vezes de modo não problematizado.

A reativação recente da imagem das Paquitas, por meio de produções audiovisuais e mobilizações digitais, pode ser interpretada como manifestação dessa memória corporal compartilhada. O interesse renovado não decorre apenas de curiosidade histórica, mas da capacidade dessas imagens de mobilizar afetos sedimentados.

Importa destacar que o conceito proposto não pressupõe homogeneidade de experiências nem ignora resistências e deslocamentos ocorridos nas últimas décadas. Ao contrário, ele busca oferecer ferramenta analítica para compreender a coexistência entre discursos contemporâneos de inclusão e a persistência de referenciais corporais herdados.

O empaquitamento afetivo não implica a reprodução idêntica do modelo original, mas evidencia que a memória desses padrões, incorporados nas décadas de 1980 e 1990 por diferentes visualidades femininas, exemplificadas pelas Paquitas, permanece ativa como referência sensível. A reaquisição pública de suas narrativas no documentário de 2024, marcadas por relatos de pressão estética, controle corporal, sofrimento e trauma, produz um efeito de estranhamento: aquilo que, no passado, operou como ideal coletivo de beleza ressurgiu hoje como testemunho de violência simbólica. Esse deslocamento entre a memória afetiva social e a memória dolorosa das mulheres que corporificaram o padrão revela a complexidade do fenômeno, indicando que a permanência desse regime estético não pode ser compreendida apenas como nostalgia, mas como sedimentação ambivalente de afeto, identificação e disciplina corporal.

5. Estamos ainda empaquitados? Permanência simbólica e visualidade contemporânea

A formulação do conceito de empaquitamento afetivo como regime de memória corporal permite deslocar a pergunta sobre permanência estética do plano da simples repetição imagética para o campo das estruturas simbólicas de reconhecimento. Nesse sentido, indagar se “ainda estamos empaquitados” não implica buscar a reprodução

literal de um modelo televisivo dos anos 1980 e 1990, mas examinar se determinados eixos de legitimidade corporal continuam organizando percepções no presente.

O cenário contemporâneo é frequentemente descrito como marcado por ampliação de representatividade e pluralização de corpos nos meios de comunicação. Campanhas publicitárias, discursos institucionais e mobilizações digitais reivindicam diversidade de gênero, raça, idade e tamanho corporal. Essa transformação discursiva é inegável e constitui avanço significativo em relação à centralização quase exclusiva de um ideal hegemônico nas décadas anteriores. No entanto, a existência de novos enquadramentos não elimina automaticamente as estruturas simbólicas que historicamente organizaram o reconhecimento.

É nesse ponto que o conceito proposto adquire potência analítica. O empaquetamento afetivo sugere que certos referenciais permanecem como matriz implícita de comparação, ainda que não explicitamente defendidos como norma. A diversidade pode ampliar o campo de visibilidade, mas a centralidade simbólica de determinados traços continua operando como parâmetro silencioso de valorização. A permanência não se manifesta como repetição idêntica, mas como eixo de referência a partir do qual diferenças são toleradas, celebradas ou marginalizadas.

A cultura digital intensifica essa dinâmica ao produzir regimes de visibilidade baseados em métricas de engajamento, circulação e aprovação pública. A exposição constante de imagens corporais em redes sociais reforça processos de comparação e hierarquização, muitas vezes ancorados em padrões sedimentados historicamente. Mesmo quando a pluralidade é afirmada discursivamente, algoritmos e dinâmicas de mercado tendem a privilegiar imagens que se aproximam de referenciais previamente legitimados.

Nesse contexto, a reativação da imagem das Paquitas no debate público não deve ser interpretada apenas como celebração nostálgica. Ela pode ser compreendida como manifestação de um arquivo afetivo ainda ativo, capaz de mobilizar identificação coletiva. Essa recognoscibilidade revela a persistência de uma memória corporal compartilhada, ainda operante no horizonte simbólico contemporâneo.

Essa reativação ocorre, contudo, em um ambiente midiático distinto daquele que consolidou originalmente o padrão estético em questão. Se nas décadas de 1980 e 1990 a televisão aberta operava como dispositivo central de formação afetiva e visual,

estruturando experiências coletivas sincronizadas pela lógica da grade, hoje essa memória circula em um contexto pós-televisivo. Não se trata do desaparecimento da televisão, mas de sua reconfiguração em um ecossistema digital no qual conteúdos são fragmentados, arquivados, recortados e redistribuídos em múltiplas plataformas.

A experiência que anteriormente denominamos memória teleafetiva, estruturada pela mediação televisiva, passa a operar, nesse contexto, como camada sedimentada de repertório cultural que continua a organizar percepções mesmo fora do ambiente estritamente televisivo. Diferentemente da memória coletiva formulada por Halbwachs, cuja ênfase recai sobre os grupos sociais de pertencimento, a memória teleafetiva desloca o grupo de referência para o dispositivo midiático. A televisão, enquanto tecnologia de difusão massiva e experiência cotidiana compartilhada, constituiu-se como instância formadora de marcos afetivos que ultrapassam o momento da exibição.

A especificidade dessa categoria reside no fato de que a experiência televisiva não apenas informa ou entretém, mas estrutura modos de sentir, reconhecer e valorar. Imagens reiteradas, enquadramentos corporais e performances estéticas tornam-se referências internalizadas, incorporadas à memória sensível dos espectadores. No caso das Paquitas, não se trata apenas de recordar um programa, mas de reativar um regime visual que participou da formação afetiva de uma geração.

No ambiente pós-televisivo, essa memória não se dissolve com a fragmentação das plataformas. Ao contrário, torna-se arquivo circulante, disponível à reedição e à reinscrição estética. A memória teleafetiva (Bressan Júnior, 2019) opera, portanto, como substrato simbólico que antecede a diversidade discursiva contemporânea, funcionando como matriz comparativa silenciosa. É nesse ponto que ela se articula ao conceito de empaquetamento afetivo: ambos indicam que a permanência estética não se explica apenas pela repetição imagética, mas pela sedimentação afetiva mediada historicamente pela televisão.

Nesse sentido, a pergunta “estamos ainda empaquetados?” não busca afirmar continuidade absoluta, mas evidenciar a complexidade das transformações culturais. A visualidade contemporânea não replica integralmente o modelo televisivo das décadas passadas, mas tampouco rompe completamente com ele. Entre ruptura e permanência, observa-se um processo de reconfiguração no qual novos discursos convivem com

estruturas herdadas. O empaquetamento afetivo opera precisamente nesse intervalo, indicando a persistência de referenciais internalizados que continuam influenciando o modo como corpos são percebidos e avaliados.

Ao reconhecer essa tensão, torna-se possível compreender que a transformação discursiva não implica dissolução automática de memórias corporais sedimentadas. A durabilidade de determinados ideais decorre de sua incorporação afetiva em contextos formativos e de sua legitimação histórica por dispositivos midiáticos de grande alcance. Assim, mais do que perguntar se o passado retorna, importa analisar como ele permanece inscrito nas formas contemporâneas de reconhecimento.

A seção aqui desenvolvida não pretende esgotar a complexidade das dinâmicas atuais, mas indicar que a análise dos padrões estéticos exige considerar a dimensão memorial e afetiva que sustenta sua durabilidade. O empaquetamento afetivo, enquanto categoria interpretativa, oferece instrumento para compreender a coexistência entre diversidade proclamada e permanência simbólica, contribuindo para ampliar o debate sobre corpo, mídia e visualidade na contemporaneidade.

Considerações finais

Este artigo partiu das seguintes problemáticas: como compreender a reatualização de um padrão estético televisivo das décadas de 1980 e 1990 em um ambiente que reivindica pluralidade e inclusão corporal? Em que medida a imagem das Paquitas, articulada a outras figuras midiáticas femininas alinhadas ao mesmo padrão estético hegemônico (loiro, magro, juvenil, branco), permanece como referência afetivamente incorporada, mesmo quando não é explicitamente reconhecida como modelo normativo?

Ao longo da discussão, buscou-se demonstrar que a permanência de determinados referenciais não pode ser explicada apenas pela repetição midiática ou pela simples continuidade histórica de imagens, mas pela sua incorporação afetiva como memória corporal compartilhada.

A análise indicou que a visualidade televisiva das décadas de 1980 e 1990 desempenhou papel formativo na consolidação de um modelo estético amplamente

legitimado. A recorrência de determinadas características corporais, associadas a narrativas de sucesso, visibilidade e pertencimento, contribuiu para a naturalização de um horizonte normativo de reconhecimento. Quando tais imagens se articulam a experiências coletivas de infância e sociabilidade, sua durabilidade ultrapassa o plano representacional e inscreve-se na memória cultural.

Nesse sentido, propôs-se o conceito de empaquitamento afetivo como regime de memória corporal, entendido como processo pelo qual um modelo estético midiático é incorporado como referência emocional coletiva. O conceito permite compreender que a força de certos ideais não reside apenas em sua reaparição explícita, mas na sua condição de matriz internalizada de comparação e avaliação. Mesmo em um cenário marcado por transformações discursivas e ampliação de visibilidade de corpos diversos, determinados eixos de legitimidade continuam a operar como parâmetros implícitos de reconhecimento.

A pergunta “estamos ainda empaquitados?” não conduz a uma resposta binária. O que se observa não é a reprodução literal de um modelo televisivo do passado, mas a permanência de estruturas simbólicas que continuam a organizar percepções sobre beleza e valor corporal. A coexistência entre discursos contemporâneos de inclusão e referenciais historicamente sedimentados revela a complexidade dos processos culturais. Transformações ocorrem, mas não se dão em terreno desprovido de memória.

A principal contribuição deste estudo reside na articulação entre memória coletiva, visualidade e incorporação afetiva como dimensões interdependentes na consolidação de padrões estéticos. Ao deslocar o debate da constatação da permanência para a análise da sedimentação emocional, o conceito de empaquitamento afetivo oferece ferramenta interpretativa para examinar como determinados modelos atravessam gerações e continuam a influenciar imaginários sociais.

Tal perspectiva amplia o campo de investigação sobre corpo e mídia no contexto brasileiro, ao evidenciar que a crítica aos padrões estéticos requer atenção não apenas às estruturas de poder visíveis, mas também às memórias compartilhadas que sustentam sua legitimidade. Reconhecer essa dimensão não implica negar as transformações em curso, mas compreender que a disputa simbólica contemporânea ocorre sobre camadas de memória que continuam a moldar expectativas e critérios de reconhecimento.

Ao enfatizar a dimensão afetiva da memória corporal, este artigo sugere que os debates sobre diversidade e representatividade precisam considerar os processos históricos de incorporação simbólica que estruturam o olhar social. Investigações futuras podem aprofundar empiricamente essa discussão, explorando como diferentes gerações elaboram, tensionam ou ressignificam tais referenciais. Compreender esses movimentos é fundamental para analisar a complexa relação entre passado midiático, experiência afetiva e visualidade contemporânea.

Referências

ARAÚJO, D. C. de; LEORATTO, D. Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 717–739, set. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BRESSAN JÚNIOR, M. A. **Memória teleafetiva**. Florianópolis: Insular, 2019.

BRESSAN JÚNIOR, M. A.; CAMARGO, H. W. de; MATOS, S. S. de. O discurso da cultura pop e a memória afetiva: estratégias mitológicas no consumo midiático contemporâneo. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 25, p. 1–21, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-25-22>.

FONTINELE, T. P.; COSTA, M. J. de A. A normatização do corpo feminino e os modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 1, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000100003. Acesso em: 1 jun. 2025.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MORAES, H. J. P. Os youtubers e as relações de identificação e projeção no imaginário infanto-juvenil contemporâneo: discussões a partir da ética da estética. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 182–196, jan./jul. 2017.

NECKEL, N. R. M. Corpo, imagem e laço social: enigmas da contemporaneidade. **Revista Letras**, Curitiba, v. 43, p. 1–14, 2021.

PASSOS, J. O racismo, a moda e a diversificação dos padrões de beleza: o exemplo de Iman, top model Somali dos anos 70/80. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e58981, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158981>.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

ROSSI, T. C. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 235–255, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/103981>. Acesso em: 1 jun. 2025.

TONIN, J.; MORAES, H. J. P. Adolescentes: existem? Imaginários de uma vida em suspenso(e). **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 25, n. 1, p. 1–17, 2025.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

Submetido em: 22 de fevereiro de 2026

Aprovado em: 6 de maio de 2026